

## AJUDA

UM relatório do Congresso dos Estados Unidos recomenda ao governo elevar de 8 para 37 milhões de dólares os fundos destinados ao auxílio militar à América Latina. Adverte que os países da América Latina estão comprando navios de guerra, aviões e outros equipamentos na Europa e na Ásia, devido a preços e condições de pagamento melhores. Passa em revista o preparo militar de vários países, inclusive o nosso. Temos três submarinos de construção italiana que é urgente substituir e, tirante os dois cruzadores de procedência americana, a nossa frota de guerra se compõe de navios antiquados, nossas 13 divisões de infantaria não contam com toda a capacidade de poderio, e nos Estados Unidos seriam consideradas divisões de treinamento, apenas; o orçamento da FAB impede qualquer compra em grande escala de aviões modernos, e os que temos são ingleses; o serviço de manutenção dos aviões é deficiente. O autor do relatório pede providências no sentido de facilitar aos países da América Latina a compra de navios de guerra, aviões e equipamento militar em geral, oferecendo preços mais baixos e prazos maiores, recomendando também um estudo sobre a possibilidade de emprestar ou arrendar belonaves.

Completamente leigo no assunto, acho, entretanto, evidente a necessidade de haver padronização dos armamentos; e, por todos os motivos, é claro que o padrão tem de ser o norte-americano. Lembro-me da revolução de 1932; repórter na frente da Mantiqueira, espantei-me com a variedade de marcas das metralhadoras de nosso Exército. Eram de procedências as mais variadas, parecia que ao atirar cada uma falava uma língua diferente. Vou transcrever trecho de uma crônica da época: «João, eu as conhecia pelo sotaque. Aquela do oeste era Hotchkiss pesada, a que estava em baixo era Colt, uma cacarejando em nossa frente era Zebê, e centenas de máquinas cuspiam fogo. Agora, sobre o meu crânio, assoviavam apenas os fuzis Mauser dos caçadores de trincheiras, e longe, do outro lado da linha, do outro lado da noite roncou um Schneider».

O equipamento de nosso Exército já está hoje creio que completamente padronizado. Isso nos custou muito na preparação para a Segunda Grande Guerra; a simples tradução do inglês para o português dos manuais foi um esforço terrível, e nossos soldados chegaram à linha de frente com um treinamento muito pouco satisfatório. Se em um ponto ou outro o armamento americano pode ser inferior ao deste ou daquele país em um determinado momento, é inegável que em conjunto ele é excelente e está sempre se aperfeiçoando para igualar ou superar o de qualquer outro país; as vantagens práticas da padronização são tão grandes que tudo nos aconselha a adotar todo o equipamento norte-americano.

O empréstimo de belonaves, inclusive submarinos e inclusive um porta-aviões, também parece interessante, pois nos daria ensejo de treinar aqui mesmo nossos marujos; também só poderíamos ficar satisfeitos se forem intensificados os programas de preparo e especialização de oficiais de todas as armas nos Estados Unidos. Isso é infinitamente preferível a gastar muitos milhões de dólares comprando equipamento caríssimo, como submarinos e aviões a jato, mesmo a preços um pouco reduzidos e a longo prazo. Sem contar que a eficiência dessas máquinas é rapidamente superada pelo progresso técnico.

Os poucos dólares de que dispomos podem ser gastos com muito mais proveito, mesmo do ponto de vista militar, no equipamento de nossa economia. Se a grande República do Norte quer ter vizinhos fortes neste Hemisfério ela deve nos ajudar a ficar fortes. Não há país realmente forte sem que tenha resolvido, em um nível razoável, seus problemas de energia e de transporte, sem que tenha desenvolvido uma indústria capaz de lhe fornecer em qualquer circunstância a base de seu poderio militar. Não se concebe um Exército moderno realmente forte se o povo que forma esse Exército é um povo doente, mal alimentado, com um nível inferior de educação técnica. Na última guerra tivemos de improvisar até simples motoristas de jipe; até disso havia falta em um Exército de extração rural, em que a maioria dos soldados mal sabia ler.

Um entendimento com os outros países da América do Sul poderá nos levar a economizar em nossas forças armadas, sem descuidar do preparo de quadros capacitados para treinar rapidamente grandes contingentes. Nada mais ridículo que ficarem nossos países a gastar fortunas numa corrida armamentista em vista de uma guerra continental que não vai haver.

Precisamos mais de dragas que de submarinos, e mais de petróleo que de qualquer outra coisa. Uma ajuda efetiva do governo norte-americano — não a pressão para aceitarmos a intromissão ainda maior dos grandes «trusts» nos pontos vitais de nossa economia, mas ajuda técnica e financeira do governo para o governo — nos permitiria resolver, com uma rapidez notável, problemas básicos de nossa vida econômica que só com muito tempo e sacrifício poderemos enfrentar sòzinhos. Ajudem-nos a ser fortes na paz, e seremos fortes na guerra.

O que acontece hoje é que estamos exportando mais dólares do que importando; a ajuda que até hoje temos recebido, com raras e conhecidas exceções, é a que o comerciante agiota dá ao sitiante pobre, a ajuda que arruína. É tempo de que o Brasil, associado aos seus irmãos da América Latina, coloque esses problemas com franqueza e firmeza diante dos Estados Unidos; eles acabarão por nos entender, pois seus interesses superiores coincidem com os nossos, e não com os de seus grupos profissionalmente vorazes de homens de negócios.